

“Não estamos com ânimo de perdoar dívida”

por Paulo Sotero
de Washington

Abaixo, a íntegra da entrevista que Willand C. Butcher, presidente do Conselho de Administração e principal executivo da Chase Manhattan Corporation, concedeu, ontem, a este jornal:

P-Como a decisão do Chase de aumentar suas reservas para se precaver contra possíveis perdas, uma semana depois de o Citicorp ter feito o mesmo, afetará as próximas negociações entre o Brasil e os bancos?

Butcher — Parte da razão para nós fazermos isso foi, claramente, nossa preocupação com a suspensão de pagamentos de juros pelo Brasil. Esta foi uma de várias razões que nos levou a concluir que devemos ser prudentes e fazer provisão de reservas contra possibilidades futuras. Eu gostaria que nós e o Brasil continuássemos a negociar. Fiquei um tanto satisfeito com as declarações do ministro das Finanças, publicadas na imprensa nos últi-

mos dias. Na minha opinião, a solução para a crise da dívida é ainda alcançável e não tenho nenhuma razão para acreditar que não podemos negociar de forma significativa com o Brasil. Acho que (a decisão de aumentar as reservas) nos dá alguma flexibilidade, mas ela também requer que os próprios países tomadores reconheçam que os bancos não emprestam para perdoar a dívida. Nós não estamos com ânimo de perdoar dívidas. Certamente, se nós tivermos que cancelar empréstimos, que não é o que anunciamos hoje, a possibilidade de (emprestarmos) dinheiro novo desaparecerá.

P-Mas existe um forte consenso, entre banqueiros, economistas e analistas, de que o reforço das reservas feito pelo Citicorp, na semana passada, e pelo Chase, hoje, já levará os bancos a resistirem à concessão de novos empréstimos.

Butcher — Nós afirmamos que queremos ter flexibilidade para fazer novos empréstimos. Mas não fa-

remos novos empréstimos para não recebermos juros. Disso, você pode estar seguro.

P-Mas o que o senhor parece estar dizendo é que o Chase deseja ter flexibilidade também para não fazer novos empréstimos, não?

Butcher — Nós certamente temos que ver progresso do lado do tomador, também. Nós não somos uma instituição beneficente, que pode fazer empréstimos de dinheiro novo sem que os empréstimos passados tenham os juros pagos.

P-O senhor de fato acredita que terá que assumir perdas no Brasil?

Butcher — Espero que não. Não vejo nenhuma razão pela qual deveríamos ter que assumir perdas no Brasil. O Brasil é um país muito forte, com uma base industrial extremamente boa. Espero que o Brasil dê os passos necessários para fortalecer suas próprias finanças e negociar de uma forma substantiva com seus credores.

P-Vários analistas têm dito que a decisão de au-

mentar as reservas dos grandes bancos, como a que o senhor anunciou hoje, e o Citicorp tomou na semana passada, produzirá uma maior diversificação na busca de soluções para os problemas da dívida. O senhor concorda com isso?

Butcher — Certamente, ela nos dá esse tipo de flexibilidade, pois nos habilita a fazer mais operações de conversão de dívida em capital e a considerar vários tipos de propostas diferentes na renegociação. Ela nos possibilita, também, ser um pouco mais pacientes. Mas eu tenho a impressão de que tanto os devedores como os credores têm interesse numa solução correta para este problema, pois os bancos querem ser pagos e os países tomadores continuarão dependendo, por várias décadas, dos fluxos de crédito. O problema é que se nós não formos pagos, não concederemos novos créditos. Isso é certo. Da mesma forma, se nós formos pagos, o país que pagar assegurará os futuros fluxos de crédito.

Esta é a questão básica — e não creio que ela tenha sofrido qualquer mudança. Eu creio que o interesse do Brasil e dos outros países tomadores é garantir os fluxos de crédito e o nosso interesse é de garantir que estamos fazendo bons empréstimos. É para conseguir isso que ambos, devedores e credores, temos que trabalhar.

P — Ao contrário do comunicado do Citicorp, na semana passada, o comunicado divulgado por seu banco não faz nenhuma menção ao Plano Baker, que, segundo vários analistas, ficou definitivamente prejudicado pela decisão de ambos os bancos de aumentar substancialmente suas reservas. A omissão foi proposital?

Butcher — O nosso comunicado menciona o crescimento econômico.

P — Mas, ser a favor do crescimento é como ser a favor do amor materno. Todo mundo é.

Butcher — Mas o que é o Plano Baker, então? Eu pensei que o Plano Baker foi desenvolvido para estimular o crescimento econômico.

P — Mas o Plano Baker previa uma contribuição maior de dinheiro novo, dos bancos, do que a que de fato foi feita.

Butcher — Eu não leria (nessa omissão) nenhum desejo de nossa parte de renegar o Plano Baker. Na verdade, pelo contrário, a razão de ser da declaração que fiz hoje é afirmar que a saída para esse problema passa pelo caminho do crescimento econômico. E é isso que o secretário (do Tesouro), James Baker tem afirmado.

P — Diante da perspectiva de uma maior diversificação na solução do problema da dívida, como o senhor vê o papel do comitê de bancos, que teve uma abordagem, até agora, de uma solução tamanho-única para cada país deve-

dor, à qual os bancos credores devem se adaptar?

Butcher — Talvez a solução tamanho-única seja necessária em termos estruturais, mas não em termos substantivos. Eu não sei se existe uma alternativa à negociação via comitê de bancos. Nós poderíamos agilizar o processo, corrigi-lo um pouco? Sim — e há grupos trabalhando nisso. Mas é preciso afirmar também que um país não pode tratar diretamente com mais de setecentos credores. A forma mais prática de fazê-lo é através de um comitê de credores. Por isso, creio que algum tipo de comitê continuará a existir.

P — Se o senhor tivesse uma oportunidade de conversar com o ministro da Fazenda do Brasil, hoje, o que diria a ele?

Butcher — Acho que não diria nada diferente do que lhe disse. É importante que o Brasil tenha um plano econômico, que seja razoável, para lidar com seus próprios problemas. A partir daí, pode-se desenvolver um plano financeiro vislumbrando uma série de circunstâncias nas quais os bancos contribuirão e os países pagarão os juros. Eu gostaria de reafirmar que os nossos interesses, dos credores e dos devedores, não precisam ser antagônicos. Eu creio que eles devem ser sinônimos. Os bancos querem ser pagos e os países querem ter acesso aos fluxos de crédito. E os dois são mutuamente dependentes. Se os países não pagam, os bancos não emprestam dinheiro. E, obviamente, se os bancos não emprestam, os países não pagam. Assim, é mutuamente vatanjoso que ambos trabalhem para encontrar uma solução. O Chase não está se retirando do negócio de emprestar dinheiro no exterior. Nós somos e queremos continuar a ser um banco internacional.